

O Baile perfumado

Onze horas, fim da aula. Após quatro horas com o traseiro na cadeira, posso me levantar e procurar alguma coisa na geladeira. Está tudo escuro, a cozinha nunca pareceu tão distante, a escuridão me remete a queimada, mais dois anos com o medo de se tornarem seis. Ao abrir a caixa cinzenta e gelada, busco saciar minha fome, nem mesmo conheço o que seria ficar sem comida.

Caminhando até o quarto, um grilo me analisa, seus olhos redondos já viram grandes campos com flores caídas, presenciou guerras com máquinas, fogos e aves. Porém, um humano que não sabe o que busca, ah...isso é difícil de compreender.

Deito-me. Um calor insuportável, longa noite sem estrelas. Penso na dona fisiologia, por quê nossos destinos foram traçados? Você procura me aconselhar, não escuto, arrogante, finjo ter noção de tudo, semelhante a uma folha em branco.

Remexendo em minha cama pêndula, ouço o diálogo dos pernilongos. Malditos, ocupam da cabeceira para fazer as suas festas, deve ser aniversário de alguém. Zuuuum!! Quem é Senna comparado ao meu vizinho “Perni”?

Volto à cozinha, “enrai-vencido”, procuro uma planta chamada citronela, muito cheirosa e famosa por ser uma defensora contra os meus novos inimigos. É hoje! Faço o percurso do quarto, o grilo me julga, desvio olhar, insuportável. Penduro minha heroína próximo ao travesseiro, inicia-se o ritual de proteção.

A felicidade de quem pode descansar em paz me fascina, um desejo! Como se fosse uma utopia, meu mundo desmorona, a festa continua...parece que querem me dizer algo – obrigado. Suas cantigas em ouvidos ganharam forças, os agudos estão mais longos. O cheiro de minha protetora foi ingrediente para harmonizar o baile, festival de jazz, soa o saxofone “zuum, zuuumm”.

Na cozinha, o grilo começa a gritar – pasta, boi!

Já são 3 horas da manhã...